

RECURSOS VISUAIS ACESSÍVEIS:

O que devemos audiodescrever em uma videoaula?

Luciana Tavares Perdigão¹
Ediclea Mascarenhas Fernandes²

RESUMO

Os recursos audiovisuais estão cada vez mais presentes no contexto didático. É preciso, no entanto, que o formato e o conteúdo seja acessível para a diversidade dos alunos. Tecnologias assistivas como a audiodescrição são fundamentais para produção de sentido aos alunos com deficiência visual ou com outras necessidades educacionais especiais. A presente pesquisa qualitativa descritiva se baseou em temas como multimodalidade, leitura de imagens e tradução audiovisual acessível. O objetivo é caracterizar os recursos visuais explorados em videoaulas que precisam ser audiodescritos, para tornar as videoaulas acessíveis. Para isso, foram elencados os diferentes formatos e possibilidades de uso do recurso audiovisual no âmbito do Consórcio Cederj. Aponta-se a relevância no conhecimento da tradução audiovisual acessível como recurso de aprendizagem inclusivo, equitativo e de qualidade para todos.

Palavras-chave: Audiodescrição. Tecnologia assistiva. Multimodalidade. Tradução audiovisual acessível. Semiótica.

INTRODUÇÃO

A videoaula é um recurso educacional muito utilizado em ambientes de aprendizagem presenciais ou virtuais, formais e informais. No contexto da Educação a distância (EaD), o recurso pode ser explorado de forma síncrona, através de ferramentas de transmissão de videoconferência ao vivo ou de reuniões online; ou se forma assíncrona, através de gravações disponibilizadas no ambiente virtual de aprendizagem ou nas plataformas de compartilhamento de vídeo.

Durante a pandemia da COVID-19, no cenário do Ensino Remoto Emergencial, a videoaula foi considerada um instrumento fundamental de produção e compartilhamento do conhecimento. Uma das dez recomendações da UNESCO para garantir a continuidade do ensino durante esse período foi a escolha de ferramentas relevantes, dentre elas, as videoaulas (UNESCO, 2020a). Esse mesmo documento determinou que fossem implementadas medidas para garantir que todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência, tenham acesso aos mesmos recursos de

¹ Doutora em Ciências, Tecnologias e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense, lucianaperdigao@id.uff.br ;

² Orientadora e docente do Programa de Pós graduação em Ciências, tecnologias e inclusão da Universidade Federal Fluminense, professoraediclea.uerj@gmail.com .

aprendizagem remota. Além da oferta de dispositivos digitais, foi apontada a necessidade que as instituições de ensino oferecessem conteúdos acessíveis. E os recursos audiovisuais, como o caso das videoaulas, precisam ser acessibilizados através de tecnologias assistivas como a audiodescrição.

Tecnologia Assistiva é uma área interdisciplinar do conhecimento que envolve recursos, metodologias, estratégias, produtos, práticas e serviços com o objetivo de promover a participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, em atividades acadêmicas, sociais, culturais e políticas, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2015).

A audiodescrição é uma tecnologia assistiva que tem como objetivo traduzir os recursos visuais em textuais. É uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma imagens em palavras, abrindo possibilidades de acesso à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e educacional (MOTTA, e ROMEU FILHO, 2010, p. 7). Trata-se de uma locução adicional roteirizada que descreve as ações, a linguagem corporal, os estados emocionais, a ambientação, os figurinos e a caracterização dos personagens (ARAÚJO e ALVES, 2017). Nas videoaulas a audiodescrição dos recursos visuais pode ser planejada no roteiro e incorporada à fala do professor; ou inserida na edição em um momento de pausa, por um audiodescritor locutor.

No âmbito do consórcio Cederj as videoaulas podem ser produzidas pelo próprio professor conteudista, de forma autônoma, ou com o apoio da equipe de produção de vídeo da Fundação Cecierj. O professor pode também selecionar vídeos de terceiros, publicados em plataformas de *streaming*, e disponibilizar no ambiente virtual de aprendizagem. A partir dos diferentes usos que os professores fazem do recurso audiovisual, o presente estudo objetiva caracterizar os recursos visuais mais recorrentes nas videoaulas a fim de orientar os caminhos possíveis de tradução. Esses recursos foram identificados durante a produção do curso de Audiodescrição para videoaulas, a partir da seleção dos conteúdos audiovisuais disponibilizados e do material produzido para a realização da atividade "O quê descrever em uma videoaula."

A metodologia da pesquisa descritiva qualitativa foi fundamentada nos estudos sobre Multimodalidade e Leitura de imagens (RIBEIRO, 2016 e 2018; KRESS e VAN

LEEUWEN, 2006) e na Tradução audiovisual acessível (NAVES *et al*, 2016; ARAÚJO e ALVES, 2017). Ao final, elenca os elementos visuais constituintes das videoaulas e articula com uma reflexão sobre o uso das imagens no contexto didático, como elementos de multimodalidade para criação de sentido.

Multimodalidade, leitura de imagens e tradução audiovisual acessível.

Os recursos visuais estão cada vez mais presentes no ensino, especialmente nos ambientes virtuais de aprendizagem da EAD. A expansão do uso de imagens estáticas ou dinâmicas nos conteúdos didáticos coincide com a oferta de instrumentos de produção, cada vez mais inteligíveis, mesmo para pessoas sem formação na área do audiovisual. De acordo com Ribeiro (2016) essas ferramentas foram se aperfeiçoando principalmente ao final do século 20 e início do século 21. Após a década de 1990, com a relativa popularização do microcomputador, e na virada dos anos 2000 com a chegada dos *smartphones*, as possibilidades de produção de *layouts* e conteúdos audiovisuais chegaram às mãos do usuário comum.

Com a popularização e o domínio no uso dos instrumentos, os professores têm alcançado cada vez mais autonomia na produção das suas próprias videoaulas. Considerando o caráter multimodal, ou seja, a complexa interação entre os (multi) modos (GUALBERTO e PIMENTA, 2019) de expressão audiovisual, cada elemento modal carrega um poder semiótico de significação.

Desenvolver a capacidade de identificar as necessidades de dizer e alinhá-las ao manejo de certas linguagens. Isso é ter o poder de comunicação multimodal ou o que Kress (2003) chama de "poder semiótico". (RIBEIRO, 2016, p. 103)

De acordo com Ribeiro (2016) a produção multimodal requer manejo das linguagens que estão à disposição, através da escolha de modos de expressão e da articulação entre o "como" e "o que" dizer. O poder semiótico é a competência em lidar com signos para produção de sentidos utilizando linguagem verbal e não verbal.

a multimodalidade considera que todos os modos, tais como a imagem, o texto, o som, o vídeo etc., podem ser utilizados para a produção de sentidos, de acordo com o interesse do produtor, o contexto de comunicação e o público-alvo. (MURTA, 2019, p. 87)

O design do texto (em sentido amplo) e a multimodalidade são elementos da produção que foram se complexificando (RIBEIRO, 2016, p.33) mas a compreensão desses elementos nem sempre é alcançada pelo leitor com sucesso. O uso de recursos que irão compor o discurso audiovisual, como gráficos, mapas, *letterings*, fórmulas, fotografias, desenhos, requer um letramento multissemiótico.

Embora as mídias e seus processos de edição tenham impacto sobre a oferta de eventos de letramento dos cidadãos, a escola continua sendo uma das mais fortes agências de letramento. Nela, seria possível fazer apropriações mais críticas e reflexivas da leitura e da produção de gráficos e outros tipos de visualização, criando-se uma situação de ler dados, ler entre os dados e ler para além dos dados (RIBEIRO, 2016, p.47)

De acordo com Kress (2003 *apud* RIBEIRO, 2018) novas formas de leitura têm consequências para as relações entre produtores e reprodutores de sentido, como os escritores e leitores, produtores de imagens e leitores de imagem. Para a autora, em alguma medida, todo professor atua como editor, mas nem sempre o domínio no uso de instrumentos significa o bom uso da imagem como produtora de sentido. É necessário conhecer as principais estruturas composicionais estabelecidas como convenções da semiótica visual e analisar como essas composições são usadas por criadores de imagens para produzir significado (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006). De acordo com os autores, os significados pertencem à cultura, em vez de modos semióticos específicos. E a maneira como os significados são mapeados em diferentes modos semióticos, a maneira como algumas coisas podem, por exemplo, ser "ditas" tanto visual quanto verbalmente, também são cultural e historicamente específicas. Portanto, o professor deve manejar o uso da linguagem verbal e não verbal pelo prisma semiótico, explorar o signo como um objeto motivado.

Para Kress e Van Leeuwen (2006) as estruturas visuais apontam para interpretações subjetivas de acordo com o repertório e as interações sociais do indivíduo. E Ribeiro (2018) volta a enfatizar o papel da escola no letramento das linguagens imagéticas, alfabéticas e matemáticas "ocupando-se de estudar e produzir modos de disponibilizar a expressão" (RIBEIRO, 2018, p. 78).

Letramento é prática social. [...] Isso inclui [...] interação com linguagens, modalidades, semioses. [...] Não cabe mais discutir se vamos usar. O debate se nutre de

questões sobre como e quais ferramentas ou linguagens empregar. (RIBEIRO, 2018, p. 78)

Esse debate deve ser ampliado para a diversidade da comunidade acadêmica que as articulações multimodais podem alcançar. Cada fotografia, gráfico, mapa, etc. deve possuir um objetivo didático e é preciso lidar com uma competência de leitura que identifique as características e elementos fundamentais para o aprendizado. No contexto da EAD o ambiente virtual de aprendizagem possibilita explorar recursos, como descreve Ribeiro (2016, p.67) em linguagens que se complementam, redundam e mesmo se reforçam, para produção dos sentidos. Oferecer diversidade de linguagens é trabalhar com as semioses da tradução.

Retextualizar, remodelando linguagem e semioses. [...] É preciso considerar as dificuldades intrínsecas de qualquer "tradução", Isto é: como dizer novamente o dito, evitando perdas (RIBEIRO, 2016, p. 79).

No contexto audiovisual, a tradução também foi influenciada pela evolução das tecnologias. Para Gambier (2001) novos objetos midiáticos produzidos a partir das novas tecnologias provocam uma reflexão sobre o uso da linguagem nesses meios. Segundo o autor, conhecer outras áreas de estudo, como cinema e produção audiovisual, foi fundamental para adaptar conceitos da tradução textual para a tradução audiovisual (TAv). E um dos desdobramentos da TAv é a Tradução Audiovisual Acessível (TAvA), expressão cunhada por Jimenez Hurtado (ARAÚJO e ALVES, 2017). De acordo com as autoras, além de reunir estudos sobre as diferentes práticas tradutórias, caracterizados pela intersemiose entre som e imagem, a TAVa está mais centrada em aspectos relacionados ao espectador, com o objetivo de oferecer acessibilidade comunicacional. As modalidades de TAVa são: a Legendagem para surdos e ensurdecidos - LSE, janela Libras e audiodescrição. Sobre essa última, Araújo e Alves (2017) conceituam:

A audiodescrição é uma modalidade de tradução audiovisual, de natureza intersemiótica, que visa tornar uma produção audiovisual acessível às pessoas com deficiência visual. Trata-se de uma locução adicional roteirizada que descreve as ações, a linguagem corporal, os estados emocionais, a ambientação, os figurinos e a caracterização dos personagens (ARAÚJO & ALVES, 2017).

Além do atendimento à pessoa com deficiência visual, é comprovado que a audiodescrição é uma tecnologia assistiva que oferece acessibilidade às pessoas com

deficiência intelectual, disléxicos e idosos (LIMA e TAVARES, 2010, p. 4) além de outros perfis no contexto da aprendizagem. A audiodescrição possibilita o acesso à informação, à comunicação, à educação, ao lazer e à cultura através da transformação das imagens em palavras de forma clara, coesa, concisa, específica e vívida. (PERDIGÃO, 2017, p.36).

O processo de elaboração de roteiros de audiodescrição envolve uma equipe multidisciplinar, que deve ser composta, no mínimo, por um audiodescritor roteirista e um consultor com deficiência visual, ambos com formação técnica e experiência.

áudio-descritor é o profissional que se ocupa do estudo, construção, socialização, oferta e defesa da áudio-descrição, a qual consiste numa técnica de tradução intersemiótica que tem por objetivo transformar o que é visto em palavras por meio da descrição objetiva, específica e sem inferências tradutórias do áudio-descritor ou consultor. [...]

o consultor em áudio-descrição é uma pessoa com deficiência visual formada/capacitada para criticar, revisar e propor novas construções tradutórias do texto áudio-descritivo, a partir da observação criteriosa e sustentada na boa técnica da áudio-descrição. O consultor deverá ter formação comprovada ou capacitação comprovada por curso de formação de áudio-descritores. (Lima e Tavares, 2010, p. 4 e 5)

Nas produções audiovisuais acessíveis, que contemplam a audiodescrição de imagens dinâmicas, existe ainda o papel do audiodescritor-narrador. Ele é o responsável por ceder a voz ao roteiro, dando à narração o teor adequado em cada cena. Nesse contexto, os estudos multimodais da categoria audiovisual devem considerar as complexidades de cada signo semiótico envolvido no processo como cenário, personagens, ações, e todos os recursos visuais inseridos na edição.

No processo de produção de textos, orquestramos modos semióticos que apresentam maior potencial de significação (*affordances*) para aquilo que queremos expressar. (GUALBERTO e PIMENTA, 2019, p. 19).

O texto pode ser o próprio roteiro da videoaula ou a tradução para outros modos semióticos explorados no conteúdo audiovisual. No caso da tradução, cabe ao audiodescritor roteirista assumir o papel fundamental de examinar a peça audiovisual e analisar todos os modos semióticos, considerando que a reunião de cada um deles em um dado momento constitui-se um signo (SILVA, 2019). A linguagem visual é o modo

semiótico a ser analisado e traduzido para a linguagem verbal, em forma de texto escrito ou falado, sem sobrepor os demais recursos de áudio explorados no vídeo. Por isso, a identificação e caracterização dos recursos visuais explorados nas videoaulas se fazem necessários para conduzir os processos de tradução audiovisual acessível.

Materiais e métodos

A presente pesquisa qualitativa descritiva ocorreu durante a elaboração da disciplina de Audiodescrição para videoaulas, do Programa de Formação de Professores da Diretoria de Extensão da Fundação Cecierj. Para uma carga horária de 30 horas distribuídas em 12 semanas, foram selecionados e desenvolvidos conteúdos teóricos aliados às atividades práticas envolvendo todas as etapas da tradução audiovisual acessível. Para a primeira etapa, de análise e pesquisa do conteúdo audiovisual a ser traduzido, foi desenvolvido um instrumento com orientações sobre "O que devemos audiodescrever em uma videoaula?". Foram analisados 71 conteúdos audiovisuais de oito disciplinas dos cursos de licenciatura do Consórcio Cederj. O critério de inclusão foi selecionar disciplinas com professores engajados com a temática da acessibilidade, para facilitar o trâmite de autorização de uso e edição dos conteúdos.

Resultados e discussão

Foram identificados 16 tipos de recursos visuais considerados relevantes para a audiodescrição, ou seja, elementos fundamentais para a compreensão do conteúdo audiovisual e alcance do objetivo de aprendizagem, conforme caracterizado a seguir:

1 - Títulos e subtítulos.

Algumas pessoas podem achar que, através do uso de softwares leitores, os usuários podem acessar qualquer conteúdo textual. Mas, nos conteúdos audiovisuais, qualquer elemento textual está encapsulado em forma de imagem, portanto, todos os "*letterings*" projetados em um vídeo devem ser audiodescritos.



Figura 1 - Exemplo de título na videoaula: <https://youtu.be/GYCJt7VTnKc?t=21>

Os títulos devem ser audiodescritos, preferencialmente indicando a cor, posicionamento e tipo de letra, se houver tempo disponível. Cabe ressaltar que nem sempre o título aparece no início da obra, como no exemplo acima, que aparece aos 00'30”.



Figura 2 - Exemplo de subtítulo na videoaula: <https://youtu.be/GYCJt7VTnKc?t=29>

2 - Logotipo

Algumas videoaulas contém logotipos institucionais, de patrocínio, financiadores, apoio. É importante citá-los na audiodescrição e, se possível, audiodescrevê-los.

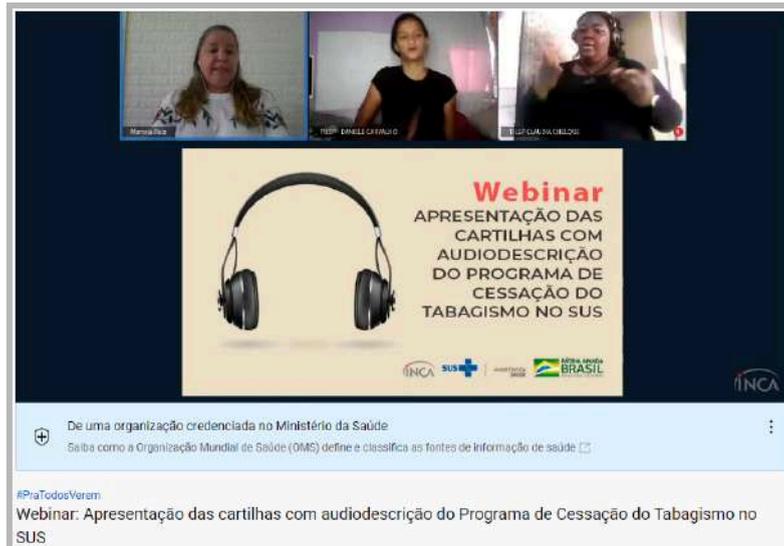


Figura 3 - Exemplo de videoaula com logotipos dos organizadores

3 - Apresentador ou professor

A audiodescrição do professor ou do apresentador da videoaula pode proporcionar uma aproximação almejada pelo aluno, um dos objetivos do uso da videoaula na EAD. Uma boa prática é o professor fazer sua auto audiodescrição, dizendo nome, idade / faixa etária, altura, peso, etnia, cor de pele, cabelo, sobrancelha, olhos, formato do rosto, vestimentas, acessórios e ambiente, como no exemplo disponível em: <https://youtu.be/JwTm6eVUSzc?t=45>

4 - Personagens e Ações

Todos os participantes da obra devem ser audiodescritos e nomeados. Caso não seja possível audiodescrevê-los ao longo da obra, pode ser inserida nas notas proemias. É desejável separar a audiodescrição das características físicas das ações dos personagens, mas algumas vezes o tempo é um fator limitador.



Figura 4 - Exemplo de videoaula com faixa de audiodescrição, descrevendo o personagem, na plataforma Moodle Cederj

5 - Cenário

O cenário também é um elemento importante, onde a audiodescrição pode ser incluída naturalmente na fala do professor como no exemplo: <https://youtu.be/GDb9oSOe5hg>

6 - Cartelas ou letterings

Assim como o título e o subtítulo, os textos escritos em tela ou *letterings* podem ser explorados de outras formas, como em cartelas acompanhando uma pergunta ou trechos da fala do professor.



Figura 5 - Exemplo de cartela com pergunta



Figura 6 - Exemplo de cartela com trecho da fala: <https://youtu.be/GYCJt7VTnKc?t=56>

7 - Legendas Queimadas

São aquelas legendas que já estão embutidas no vídeo. Esse formato limita qualquer tipo de leitura com software leitor ou tradução automática. Em uma videoaula onde o conteúdo original é em língua estrangeira, somente os alunos videntes ou fluentes na língua original terão acesso ao conteúdo. Portanto, no roteiro da audiodescrição, essas legendas devem ser transcritas na íntegra. E a locução deverá ser produzida preferencialmente com uma voz diferenciada da audiodescrição.

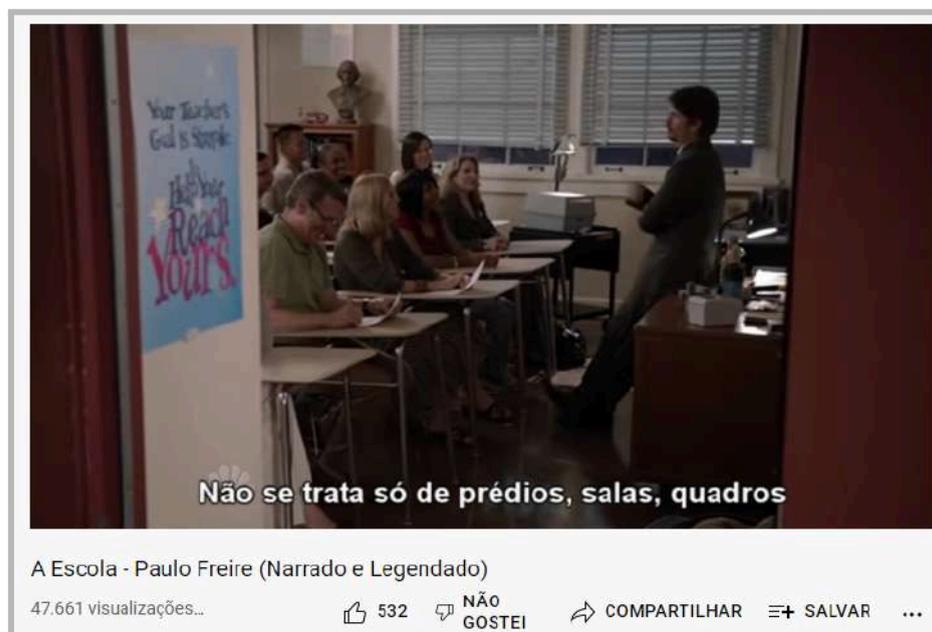


Figura 7 - Exemplo de videoaula com legenda queimada:

<https://youtu.be/zIW109NCcqs>

8 - Gráficos e Infográficos

São elementos recorrentes nas disciplinas de exatas, de pesquisa científica, vídeo tutoriais, entre outros. Normalmente durante a aula o professor dá uma explicação geral sobre os números e outros elementos contidos no gráfico, mas em alguns casos somente com a audiodescrição o conteúdo explicado poderá ser apreendido.

9 - Fórmulas equações e símbolos

Assim como os gráficos e infográficos, muitas informações visuais desses recursos ficam perdidas durante a fala do professor se não houver a audiodescrição. Recomenda-se fazer a descrição das fórmulas e equações por extenso e utilizar as mesmas nomenclaturas que o professor explora na aula para os símbolos.

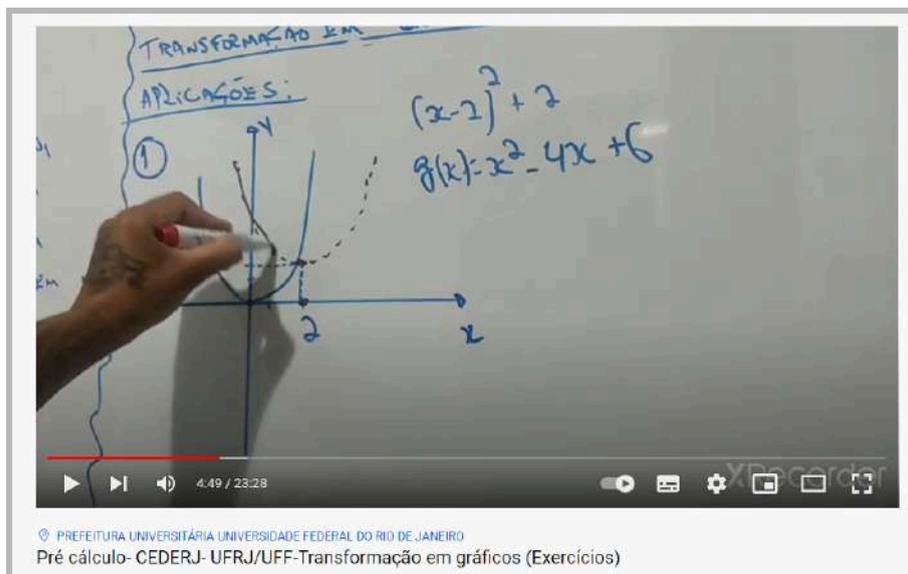


Figura 8 - Exemplo de videoaula com gráfico e fórmula: <https://youtu.be/pV56lhVa9gk>

10 - Mapas

São recursos muito explorados nas disciplinas de Geografia, Turismo, entre outros. A audiodescrição de mapas pode conter título, orientação, escala, projeção cartográfica, nome dos espaços mapeados e legenda com cores, ícones, hachuras, linhas e pontos.



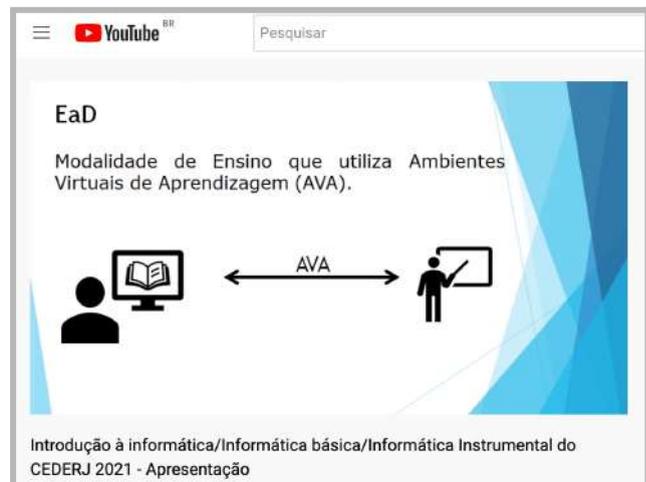
Figura 9 - Exemplo de videoaula com mapa: <https://youtu.be/7hMY4ThhnY4>

11 - Projeção de slides, flipcharts e lousas

Em uma videoaula expositiva a monotonia pode ser quebrada com o uso de projeções visuais. A audiodescrição deverá indicar o tipo de recurso utilizado e todos os elementos nele contidos.

Figura 10 - Videoaula com projeção de slide em tela cheia:

https://youtu.be/ClvqDm_enf0



12 - Fotografia

As fotografias são tipos de imagens muito utilizadas como *frames* estáticos na sequência de imagens dinâmicas de uma videoaula. A audiodescrição deve seguir, dentro do possível, diretrizes de audiodescrição das imagens estáticas (PERDIGÃO, 2018). No exemplo a seguir a professora incorpora a audiodescrição à sua fala, o que é um exemplo de boa prática de acessibilidade em videoaulas:

<https://youtu.be/JwTm6eVUSzc?t=1590>



Figura 11 - Exemplo de videoaula com fotografias projetadas:

<https://youtu.be/JwTm6eVUSzc>

13 - Card, Cartaz e Banner

Se a audiodescrição na íntegra não couber no tempo do vídeo, deve-se fazer uma descrição geral desses recursos gráficos.

Figura 12 - Exemplo de videoaula com banner ao fundo:

<https://youtu.be/LuOl2YZz5Vg>



14 - Ilustração ou Animação

Se a videoaula for toda em animação, deve-se descrever as características das ilustrações logo no início ou como notas proemias, como por exemplo: "animação de desenhos à lapis"; "animação com massinhas"; "animação em 3D"; etc.



Figura 13 - Exemplo de videoaula em animação de desenhos P&B:

https://youtu.be/lgD_G0_5EYE

15 - Quadrinhos

Histórias em quadrinhos projetadas durante uma videoaula devem enumerar os quadros, e audiodescrever os elementos principais para compreensão da história, como personagens e balões de diálogo. Se couber no tempo, recomenda-se audiodescrever os elementos secundários, como características físicas, objetos, paisagens, etc.

16 - Créditos

Por último, os créditos devem ser audiodescritos na íntegra. Se não houver tempo hábil, selecionar os cargos mais importantes, consultando o produtor ou o professor).

Figura 14 - Créditos de videoaula no Cederj



CONCLUSÃO

Na multimodalidade a diversidade das linguagens se integram para a construção de sentidos. Para saber operar cada elemento semiótico é fundamental conhecer as potencialidades de cada modo. A caracterização dos recursos visuais elencados não se esgotam neste estudo. Elementos como gestos e expressões faciais, por exemplo, também podem se apresentar como elementos fundamentais de sentido no contexto didático.

Este estudo relacionou e caracterizou "o quê" descrever. Mas é fundamental que os professores, produtores, editores, designers conheçam a técnica da tradução audiovisual acessível - audiodescrição. Além de acessibilizar os conteúdos visuais, esses conhecimentos podem despertar uma reflexão sobre o objetivo de aprendizagem a partir dos significados construídos através da tradução.

Aponta-se a relevância no conhecimento da tradução audiovisual acessível como recurso de aprendizagem inclusivo, equitativo e de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; ALVES, Soraya Ferreira. Tradução Audiovisual Acessível (Tava): Audiodescrição, Janela De Libras E Legendagem Para Surdos E Ensurdecidos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 56, n. 2, p. 305–315, 2017.

BRASIL. Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 5 mar. 2023.

GUALBERTO, C.; PIMENTA, S. *Semiótica social, multimodalidade, análises, discursos*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. Disponível em

<<https://books.google.com.br/books?id=MRjNDwAAQBAJ&lpg=PP1&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>> . Acesso em 10 de junho de 2021.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. Reading images: the grammar of visual design. 2ª ed. London/New York: Routledge, 2006.

MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P. (orgs): Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em:

<http://pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/LIVRO_AUDIODESCRICAO_TRANSFORMANDO_IMAGENS_EM_PALAVRAS.pdf> Acesso em: 5 mar. 2023.

MURTA, Michelle. Análise das representações visuais da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e seu impacto em sala de aula. Pág. 84 a 97. Semiótica social, multimodalidade, análises, discursos. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. Disponível em

<<https://books.google.com.br/books?id=MRjNDwAAQBAJ&lpg=PP1&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>.> Acesso em: 5 mar. 2023.

NAVES, S. B; MAUCH, C; ALVES, S. F; ARAÚJO, V. L. S. Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis. Brasília: Ministério da Cultura/Secretaria do Audiovisual, 2016, 85p. Disponível em

<<https://grupoleaduece.blogspot.com/p/guia-para-producoesaudiovisuais.html>>. Acesso em: 5 mar. 2023.

PERDIGÃO, L. T. VENDO COM OUTROS OLHOS: a audiodescrição no ensino superior a distância. Dissertação de mestrado—Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2017.

PERDIGÃO, L.; LIMA, N. VENDO COM OUTROS OLHOS: A Audiodescrição na Educação a Distância. nov. 2018. Disponível em:

<<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/429946>> Acesso em: 15 mar. 2023.

UNESCO. COVID-19 : 10 Recommendations to plan distance learning solutions. Paris, 2020a. Disponível em:

<<https://www.unesco.org/en/articles/covid-19-10-recommendations-plan-distance-learning-solutions>>. Acesso em: 5 mar. 2023.